

A IMPORTÂNCIA DE PESQUISAS EM ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UFF, UFRJ, UNIGRANRIO)
professorvilaca@gmail.com

1. Introdução

O ensino de línguas estrangeiras é uma área rica em pesquisas e publicações pelo mundo. A diversidade de temáticas, focos e metodologias de pesquisa pode ser facilmente constatada. As publicações de editoras americanas e inglesas, de abrangências internacionais, são bibliografias constantes em pesquisas em diferentes países do mundo. Tais publicações ocorrem predominantemente em duas áreas: Linguística Aplicada e Educação.

As influências destas publicações internacionais não são ocasionadas apenas por questões mercadológicas e de marketing. Os Estados Unidos e a Inglaterra apresentam tradição em pesquisas sobre aquisição e aprendizagem de línguas estrangeiras, com foco, logicamente, na língua inglesa. No Brasil, a intensificação de pesquisas sobre ensino-aprendizagem de Português como Língua Estrangeira (PLE) é mais recente.

Com a Segunda Guerra Mundial, os investimentos em pesquisas sobre ensino de línguas ganham força nos Estados Unidos e na Europa. No cenário pós-guerra, a língua inglesa entra em lugar de língua estrangeira de destaque e ela começa a ser considerada uma língua internacional, sendo empregada em diversos campos para a comunicação entre pessoas de diferentes nacionalidades e culturas.

Esta discussão inicial não pretende focar a importância da língua inglesa no mundo contemporâneo, mas oferecer uma breve compreensão de aspectos que contribuíram para o crescimento e para o fortalecimento de pesquisas sobre aprendizagem de línguas estrangeiras.

Neste processo de expansão e consolidação de estudos sobre a aprendizagem de línguas estrangeiras, os métodos de ensino foram

um dos temas mais comuns de pesquisa e publicações. Métodos eram desenvolvidos, descritos, analisados, criticados e renovados (LEFFA, 1998, BROWN, 2001; RICHARDS & RODGERS, 2001; LARSEN-FREEMAN, 2003). Isto indica que professores e pesquisadores acreditavam que o método exercia um papel crucial no sucesso ou insucesso da aprendizagem de línguas (VILAÇA, 2008). Tratava-se, portanto, do que podemos chamar de *era dos métodos*. A era dos métodos atinge níveis surpreendentes na segunda metade do século XX. No período pós-guerra, de uma forma geral, linguistas estudavam mais diretamente as estruturas das línguas, buscando descrevê-las, compreendê-las e compará-las. No mesmo período, com o surgimento da linguística aplicada, o foco estava nos métodos de ensino e nas pesquisas sobre tradução. Importante destacar que não se trata de determinismo. Logicamente outras pesquisas, envolvendo diferentes temáticas, eram realizadas por linguistas e linguistas aplicados.

Gradualmente os métodos de ensino de línguas estrangeiras sofreram críticas e começaram a abrir maior espaço para que estudos e pesquisas sobre diferentes aspectos relacionados à aprendizagem/aquisição de línguas se popularizassem. Os métodos não deixaram de ser pesquisados ou desenvolvidos, mas começava um período que, mais nitidamente na década de noventa e nos primeiros anos do terceiro milênio, seria denominado de "Era pós-método" (BROWN, 1995; KUMARAVADIVELU, 1994 e 2001; BROWN, 2002; VILAÇA, 2008).

Esta transição deslocava o foco dos métodos de ensino para os professores e para os alunos. Afinal, as descrições e/ou prescrições metodológicas poderiam ser universais, mas os professores, os alunos e os contextos não eram. Não havia como garantir que o método adotado era aplicado conforme planejado ou desejado na sala de aula. Constatou-se também que metodologias consideradas de sucesso em alguns contextos não obtinham sucesso em outros.

Embora não haja uma linearidade clara de mudanças de perspectivas e focos, muitos pesquisadores em Psicologia, Educação e Linguística Aplicada intensificaram as investigações em aspectos diversos que influenciam a aprendizagem, como, por exemplo, inteligência, aptidão, idade, estilos e estratégias de aprendizagem

(SPOLSKY, 1989; LIGHTBOWN & SPADA, 1993; TARONE & YULE, 1999; ELLIS, 2000).

2. *Um pouco de história sobre as estratégias*

Em 1975, o trabalho da linguista americana Joan Rubin (1975), *What the “good language learner” can teach us.*, deu impulso a um crescente interesse pelas estratégias de aprendizagem. É comum que a obra seja considerada um marco para a área, sendo referência quase obrigatória em estudos e publicações sobre estratégias.

Na década de 90, os trabalhos de Anita Wenden, Rebecca Oxford, Andrew Cohen, Chamot e O' Malley ajudaram a tornar as estratégias em tema amplamente pesquisado e discutido. O livro *Language Learning Strategies: what every teacher should know*, de Rebecca Oxford (1990), é uma obra de referência. A obra combina discussões teóricas sobre de estratégias de aprendizagem e orientações para práticas em sala de aula para a identificação das estratégias empregadas por aprendizes e para o ensino de estratégias.

Outros motivos podem ter contribuído para a popularização do livro da pesquisadora. Vejamos alguns destes possíveis motivos. A autora oferece o maior inventário de estratégias. Em obra anterior, O'Malley e Chamot (1990) sinalizavam que Oxford publicaria em breve o mais extenso inventário de estratégias disponível. A autora publica ainda aquele que se tornaria o questionário mais empregado para a identificação de estratégias de aprendizagem: SILL (*Strategy Inventory for Language Learning*). Um fator que, apesar de sutil, pode ter sido um diferencial foi a menor articulação entre estratégias e cognitivismo. No início de seu livro, Oxford reconhece que muitos estudos de estratégias eram vistos demasiadamente de forma cognitivista. A pesquisadora afirma que:

Estratégias de aprendizagem de línguas não estão restritas às funções cognitivas (...). As estratégias também incluem funções comunicativas como planejamento, avaliação e organização da própria aprendizagem; e funções emocionais (afetivas), sociais, assim como outras funções. Infelizmente, muitos especialistas não prestaram atenção suficiente às estratégias sociais e afetivas no passado. (...) É provável que a ênfase venha a se tornar mais equilibrada, porque a aprendizagem de línguas é, indubitavelmente, um processo emocional e interpessoal, assim como eventos cognitivos e metacognitivos. (OXFORD, 1990, p. 11)

Esta afirmação pode ter atraído a atenção de adeptos e defensores da abordagem comunicativa e dos críticos da psicologia cognitiva. A experiência indica que, infelizmente, muitos pesquisadores em linguística aplicada restringem, de forma indevida, os estudos de estratégias a investigações cognitivistas.

Com a virada do milênio, as estratégias continuam a ser pesquisadas em diversos contextos. No caso específico do Brasil, podemos encontrar vários trabalhos sobre estratégias de aprendizagem de línguas realizados por pesquisadores brasileiros nos últimos anos (ALMEIDA, 2002; VILAÇA, 2003, 2009, 2010; FIGLIOLINI, 2004; GOMES, 2004; CARDOSO, 2005; ARAÚJO-SILVA, 2006; LOPES, 2007, entre outros). No entanto, a quantidade de pesquisas poderia ser maior.

3. *O que são estratégias de aprendizagem?*

Convém apresentar as duas definições mais empregadas na literatura. O'Malley & Chamot (1990, p. 1) definem as estratégias de aprendizagem como “pensamentos ou comportamentos especiais que os indivíduos usam para ajudá-los a compreender, aprender ou reter nova formação”. Acrescentam ainda que “as estratégias de aprendizagem são modos especiais de processamento de informações que melhoram a compreensão, a aprendizagem, ou retenção de informações”.

No livro *Language Learning Strategies: what every teacher should know*, Oxford (1990, p. 1) afirma que:

Estratégias de aprendizagem são passos dados pelos estudantes para melhorar sua aprendizagem. As estratégias são especialmente importantes na aprendizagem de línguas porque elas são ferramentas para um envolvimento ativo e autodirigido, o que é essencial para o desenvolvimento da competência comunicativa. Estratégias de aprendizagem de línguas apropriadas resultam em proficiência aperfeiçoada e maior autoconfiança.

Em termos gerais, as estratégias podem ser compreendidas como comportamentos, técnicas, ações e ferramentas empregadas para a aprendizagem e o uso de uma língua (OXFORD, 1990; COHEN, 1998).

4. *Porque pesquisar estratégias de aprendizagem?*

Em trabalho anterior (VILAÇA, 2010), discuto um panorama sobre as pesquisas em estratégias de aprendizagem. As formas mais empregadas de investigação são caracterizadas naquele trabalho. Neste artigo, algumas discussões são brevemente retomadas. Entretanto, convém salientar que a prioridade aqui é apontar a relevância e possíveis contribuições dos estudos envolvendo estratégias de aprendizagem de línguas.

As pesquisas sobre estratégias de aprendizagem de línguas estão predominantemente relacionada a quatro aspectos (VILAÇA, 2010), que são:

1. Estudo e descrição do bom aluno de línguas
2. Aprendizagem Autônoma
3. Pesquisa centrada no aluno
4. Ensino ou treinamento estratégico

Nas próximas seções, focaremos em cada um destes aspectos de forma objetiva, buscando compreender possíveis contribuições práticas de cada um deles. É necessário reconhecer que eles não se encontram isolados. Em outras palavras, uma pesquisa pode abordar vários ou até mesmo os quatro aspectos relacionados.

Em termos práticos, as pesquisas em estratégias realizadas em salas de aulas apresentam dois objetivos principais:

- ✓ Identificação de estratégias empregadas
- ✓ Ensino de estratégias de aprendizagem

A identificação de estratégias de aprendizagem permite identificar o que o aluno faz durante a aprendizagem de uma língua ou em situações comunicativas. É possível, portanto, traçar um *perfil estratégico* do aluno. O *perfil estratégico* possibilita relacionar as estratégias a outros fatores, tais como crença, motivação, autonomia, idade, gênero, estilos, entre muitos outros. Pesquisas desta natureza apresentam propósito *analítico-descritivo*.

Diferentes instrumentos de pesquisa podem ser empregados para a identificação das estratégias. Os principais são questionários, formulários, entrevistas, diários, gravações em áudio ou vídeo. A identificação de estratégias pode ocorrer antes, durante e depois da atividade de aprendizagem (COHEN, 1998).

Com base no *perfil estratégico*, o professor pode compreender melhor como o aluno tende a abordar e gerenciar a própria aprendizagem. Os desenhos e focos de pesquisas podem ser variados. Muitas vezes a pesquisa enfoca uma habilidade linguística específica (produção oral, leitura, por exemplo) ou em componente de aprendizagem (vocabulário e gramática, por exemplo) (VILAÇA, 2010). A identificação de estratégias é o objetivo mais comum nas pesquisas em estratégias.

Outro objetivo predominante nas pesquisas sobre estratégias é o ensino de estratégias, também referenciado na literatura como ensino estratégico (*strategic teaching*), treinamento do aprendiz (*learner training*), treinamento estratégico (*strategy training*), entre outras possíveis denominações.

Este objetivo de pesquisa encontra amplo suporte na literatura sobre ensino de línguas estrangeiras (COHEN, 1998 e 2003; ELLIS, 2000; BROWN, 2001; NUNAN, 2002; OXFORD, 2002 e 2004; CHAMOT, 2004a). É possível ensinar estratégias com diferentes abordagens e em diferentes contextos (aulas, oficinas e seminários, materiais didáticos, entre outras possibilidades). O ensino de estratégia apresenta um propósito *instrumental-formador*, uma vez que pretende preparar melhor o aprendiz para a aprendizagem e o uso de línguas.

Pesquisas indicam que o ensino de estratégias pode contribuir para que os alunos:

- a) aprendam a aprender línguas (BROWN, 2001; HARRIS et al, 2001; NUNAN, 2002, OXFORD, 2002 e 2004, CHAMOT, 2004a, 2004b, 2005; COTTERALL & REINDERS, 2005, CHEN, 2007)
- b) desenvolvam autonomia (COTTERALL, 2000; GRIFITHS & PARR, 2001; NUNAN, 2002; CHAMOT, 2005; CARDOSO, 2005; PAIVA, 2005, SILVA, 2006).

- c) desenvolvam a competência comunicativa (OXFORD, 1990; COHEN, 1998)
- d) ampliem a metacognição (RUBIN, 1975; WENDEN, 1986; COHEN, 1998, CHAMOT, 2004a; MICELI & MURRAY, 2005)
- e) expandam seus estilos de aprendizagem (REID, 1995, OXFORD, 2001)

O quadro abaixo se propõe a oferecer uma síntese destas duas principais formas de pesquisas em estratégias de aprendizagem de línguas.

	Tipos Básicos de Pesquisa em Estratégias de Aprendizagem	
	Identificação e Descrição das Estratégias	Ensino de Estratégias
Propósito:	analítico-descritivo	instrumental-formador
Objetivos mais comuns:	Identificar as estratégias empregadas; Relacionar o uso de estratégias a variáveis específicas, tais como idade, gênero, cultura, estilo, entre muitos outros; Caracterizar os bons aprendizes; Identificar estratégias específicas por habilidade linguística; Elaborar inventários de estratégias	Ensinar a aprender línguas; Desenvolver a autonomia; Ampliar o nível de conscientização sobre a aprendizagem; Desenvolver a competência comunicativa; Desenvolver a metacognição; Expandir os estilos de aprendizagem

O ensino de estratégias não deve ser entendido como um treinamento mecanicista sem reflexão sobre a aprendizagem. Trate-se, na verdade, de uma possibilidade de instrumentalização e capacitação do aprendiz, seja este um aluno formal, um usuário da língua ou um autodidata, para melhor lidar com o processo de aprendizagem. Outro cuidado importante é não restringir o ensino de estratégias a metodologias específicas. Adotando abordagens diferentes, as estratégias podem ser ensinadas de forma direta/explicita ou indireta/implícita, integradas ou não ao programa de ensino.

A identificação das estratégias empregadas pelos alunos costuma anteceder o ensino de estratégias. Com isso, o pesquisador busca avaliar as estratégias que devem ser ensinadas e/ou priorizadas. Neste caso, é comum que as pesquisas comparem o uso de estratégias, muitas vezes por meio de relatos verbais, antes e depois do en-

sino das estratégias. O *perfil estratégico* possibilita melhor planejamento das estratégias, em especial quando o tempo e as oportunidades são limitados.

É possível dividir o ensino de estratégias em amplo ou restrito, quanto à diversidade de tipos de estratégias. No ensino amplo, estratégias de diferentes naturezas e classificações são ensinadas, tais como cognitivas, metacognitivas etc. Por outro lado, no ensino restrito o ensino foca em um tipo de estratégia (cognitiva, por exemplo).

Pesquisas sobre ensino de estratégias de aprendizagem podem contribuir significativamente para a elaboração de materiais didáticos, não apenas para os materiais didáticos publicados e comerciais, mas para materiais desenvolvidos pelos próprios professores em suas salas de aula. Uma das vantagens da inclusão de estratégias em materiais didáticos é a maior integração das estratégias às atividades e tarefas pedagógicas, o que permite maior possibilidade de contextualização e assimilação das mesmas.

Outras contribuições do ensino de estratégias são possíveis. No entanto, este trabalho apontou aquelas que são mais discutidas da literatura. No caso da competência comunicativa, muitos autores pesquisam *estratégias de comunicação*. O termo requer cuidado, uma vez que estratégias comunicativas podem ter pouca relação com as estratégias de aprendizagem. Este caso fica mais evidente em estudos que analisam estratégias de comunicação em língua materna, nos discursos escritos e orais. Em outras palavras, o conceito de estratégias de comunicação pode não estar relacionado à aprendizagem de línguas. Isto se deve ao abrangente emprego do termo *estratégia em estudos e pesquisas em Linguística* e da *Linguística Aplicada*. Em Vilaça (2010, p. 22) aponto que:

Este fato pode ser facilmente constatado no *Glossário de Linguística Aplicada*, publicado por Almeida Filho & Schmitz (1998). A publicação, um glossário bilíngue (Português-Ingês) de termos em Linguística Aplicada, apresenta mais de uma centena de ocorrências do termo *estratégia*. Termos que incluem, por exemplo, *estratégias didáticas*, *estratégias fonéticas* e *estratégias discursivas*.

5. *Considerações finais*

Este trabalho tem por objetivo estimular estudos e pesquisas sobre estratégias de aprendizagem. Tentar aprofundar algumas discussões aqui ofereceria riscos de superficialidade. Por este motivo, na medida do possível, o artigo procurou apresentar objetividade na apresentação das possibilidades e nas possíveis contribuições das pesquisas de estratégias.

Considerando as dificuldades normalmente encontradas por professores de línguas estrangeiras, tais como tempo limitado, alunos desniveledados, é possível considerar que o ensino de estratégias de pode oferecer novas formas de instrumentalização do aluno para uma aprendizagem ativa e produtiva, buscando desenvolver cada vez mais diferentes competências e habilidades necessárias à aprendizagem e ao uso de uma língua estrangeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO-SILVA, G. B. *Estratégias de aprendizagem em sala de aula: um estudo com formandos de Letras*. (Dissertação) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. 2006.

ALMEIDA FILHO, J. C. P.; SCHMITZ, J. R. *Glossário de linguística aplicada: português-inglês/inglês-português*. Campinas: Pontes, 1998.

BARBOSA, J. S. A. *The use of study plans to foster the use of meta-cognitive strategies in Brazilian EFL learners*. Niterói, 2001. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, 153 p.

BROWN, D. Beyond method: toward a principled approach to language learning and teaching. In: *Anais do XIII ENPULI- PUC-RIO – 24-28 jul. 1995*.

BROWN, H. D. *Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy*. San Francisco: Longman, 2001.

BROWN, H. D. English language teaching in the “post-method” era: towards better diagnosis, treatment, and assessment. In: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in Language*

Teaching: an Anthology of Current Practice. New York: Cambridge, 2002.

CARDOSO, J. S. *As estratégias de aprendizagem: eficácia e autonomia na compreensão oral*. (Tese) Niterói: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2005.

CHAMOT, A. U. Issues in Language Learning Strategy Research and Teaching. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*. Vol. 1, N. 1, p. 14-26, 2004a.

CHAMOT, A.U. Preparing language teachers to teach learning strategies. In: CHAN, W. M.; CHIN, K. N.; MARTIN-LAU, P. & SUTHIWAN, T. (Eds.) *Proceedings of the CLaSIC2004 Conference*. p. 87-95. Singapore: Center for Language Studies, 2004b.

CHAMOT, A. U. Language Learning Strategy Instruction: Issues and Research. *Annual Review of Applied Linguistics* Vol. 25. Cambridge University Press, 2005.

CHEN, Y. Learning to learn: the impact of strategy training. *ELT J* 61, p. 20-29, 2007.

COHEN, A. D. *Strategies in learning and using a second language*. London: Longman, 1998.

COHEN, A. D. Strategy training for second language learners. *ERIC Digest*, August, 2003.

COTTERALL, S. Promoting learner autonomy through the curriculum: principles for designing languages courses. *ELT Journal*. Vol. 54/2, abr. 2000.

COTTERALL, S.; REINDERS, H. *Estratégias de estudo: guia para professores*. São Paulo: SBS, 2005.

ELLIS, R. *The study of second language acquisition*. 7ª imp. New York: Oxford University Press, 2000.

FIGLIOLINI, M. C. R. A utilização de estratégias de aprendizagem de compreensão oral em LE no curso de Letras. In: CONSOLO, D. A; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs.) *Pesquisa em linguística aplicada: ensino e aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo, UNESP, 2004.

- GOMES, R. A. *Estratégias de aprendizagem e o sintagma nominal inglês*. (Dissertação) Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.
- GRIFFITHS, C.; PARR, J. M. Language-learning strategies: theory and perception. *ELT Journal*. Vol. 55/3 July 2001, p. 247-254.
- GRIFFITHS, C. Language Learning Strategies: Theory and Research. *Occasional Paper*, N. 1, Feb., 2004.
- HARMER, J. *The practice of English language teaching*. Third Edition. Essex: Longman, 2001.
- KUMARAVADIVELU, B. The postmethod condition: Emerging strategies for second/foreign language teaching. *TESOL Quarterly*, 29, p. 27-48, 1994
- KUMARAVADIVELU, B. Toward a Postmethod Pedagogy. *TESOL quarterly*. Vol. 35, N. 4, 2001, p. 537-560.
- LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- LAM, W. Y. K. Gauging the effects of ESL oral communication strategy teaching: A multi-method approach. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*, 3(2), 142-157, 2006.
- LEE, I. Supporting greater autonomy in language learning. *ELT Journal*. Vol. 52/4, Oct. 1998.
- LEFFA, V. J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988.
- LIGHTBOWN, P.; SPADA, N. *How language are learned*. New York: Oxford University Press, 1993.
- LOPES, G. R. *Crenças em estratégias de aprendizagem de línguas (inglês) de alunos de cursos de letras*. (Dissertação). Brasília: Universidade de Brasília, 2007.
- MARTINS, M. M. F. N. *The use of learning strategies by intermediate level EFL learners when writing essays*. (Dissertação) Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1996.

MICELI, T.; MURRAY, S. V. Strategy Training: Developing Learning Awareness in a Beginning FL Classroom. In: BARLET, B, Bryer F.; ROEBUCK, D. *Stimulating the "Action" as Participants in Participatory Research*. Griffith University, 2005.

NUNAN, D. *Language teaching methodology: a textbook for teachers*. Nova York e Londres: Phoenix ELT, 1995.

NUNAN, D. Learner strategy training in the classroom: an action research study. In: RICHARDS, J. C.; RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002.

O'MALLEY, J.; CHAMOT, A. *Learning strategies in second language acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

OXFORD, R. *Language learning strategies: what every teacher should know*. New York: Newbury House Publishers, 1990.

OXFORD, R. L. Language Learning Styles and Strategies. In: CELCE-MURCIA, M. *Teaching English as a second or foreign language*. 3. ed.. London: Heinle Heinle - Thomson Learning, 2001.

OXFORD, R. Language learning strategies in a nutshell: Update and ESL suggestions. In: RICHARDS, J. C. e RENANDYA, W. A. *Methodology in language teaching: an anthology of current practice*. New York: Cambridge, 2002.

OXFORD, R. Language learning strategies. In: CARTER, R. e NUNAN, D. *Teaching English to speakers of other languages*. Cambridge: Cambridge, 2004.

PAIVA, V. L. M. O. Refletindo sobre estilos, inteligências múltiplas e estratégias de aprendizagem. In: PAIVA, V. L. M. O. (Org.). *Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005, p. 11-30.

REID, J. M. Preface. In: REID, J. M. *Learning styles in the ESL/EFL classroom*. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1995.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, M. *Approaches and Methods in Language Teaching*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

RUBIN, J. What the “good language learner” can teach us. *TESOL Quarterly* 9, p. 41-51, 1975.

SILVA, W. M. Estratégias de aprendizagem de línguas estrangeiras - um caminho em direção à autonomia. *Revista Intercâmbio*, Vol. XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006.

SPOLSKY, B. *Conditions for second language learning*. Oxford: OUP, 1989.

TARONE, E e YULE, G. *Focus on the language learner*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

VILAÇA, M. L. C. Estratégias na aprendizagem de língua estrangeira: um estudo de caso autobiográfico. 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado em Interdisciplinar de Linguística Aplicada. Faculdade de Letras). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

VILAÇA, M. L. C. Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio*. Vol. VII, N. XXVI, jul.-set. 2008.

VILAÇA, M. L. C. Strategies in Vocabulary Teaching and Learning. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio*. Vol. VII. N. XXVIII, jan.-mar. 2009.

VILAÇA, M. L. C. Pesquisas em Estratégias de Aprendizagem: um panorama. *Revista E-escrita*. Vol. 1, N. 1, jan.-abr. 2010.

WENDEN, A. Helping language learners think about learning. *ELT Journal*. Vol. 40/1, jan. 1986.

WENDEN, A. Conceptual background and utility. In: WENDEN, A & RUBIN, J. *Learner strategies in language learning*. New York: Prentice Hall, 1987

WENDEN, A. *Learner strategies for learner autonomy: planning and implementing learner training for language learners*. New York. Prentice Hall, 1991.